

TRABALHADORES DA VÁRZEA: NOTAS ETNOGRÁFICAS SOBRE APROPRIAÇÃO DOS ESPAÇOS DE LAZER PARA O TRABALHO

Maura Myskiw¹
Flávia Py Mariante Neto¹
Marco Paulo Stigger²

Resumo

Este trabalho teve o objetivo de compreender as relações sociais implicadas na forma como os trabalhadores da várzea se apropriam dos espaços nos campos de futebol utilizados no circuito SME-LIGAS. O trabalho é resultado de uma pesquisa em andamento e, portanto, trata-se de uma comunicação de notas etnográficas que apresenta algumas categorias sobre as práticas e as relações sociais dos trabalhadores, baseadas em observações e diários de campo. Por ora, foi possível compreender que a ocupação dos espaços de lazer para o trabalho articula relações de parentesco e amizade, parcerias com dirigentes e características da rodada de futebol.

Palavras chave: Trabalhadores; Apropriações; Campos; Futebol.

"VÁRZEA" WORKERS: NOTES ON HOW LEISURE AREAS ARE TAKEN OVER FOR WORK

Abstract

This study aims to broaden our understanding of the social relationships involved in how "várzea" workers take over football fields in the SME-LIGAS circuit. It is part of an ongoing research project, and is therefore a brief communication of ethnographic observations on some of the practices and social relations between workers, based on observations and field diaries. So far, it has been established that the occupation of leisure environments for work is an expression of friendship and parenthood, partnerships with leaders, and features that resemble a football championship round.

Keywords: Workers; Taken over; Fields; Football.

TRABAJADORES DE LA VÁRZEA: NOTAS ETNOGRÁFICAS SOBRE APROPIACIÓN DE LOS ESPACIOS DE OCIO PARA EL TRABAJO

Resumen

Este trabajo tubo el objetivo de comprender las relaciones sociales implicadas en la forma como los trabajadores de la várzea se apropian de los espacios en los campos de fútbol utilizados en el circuito SME-LIGAS. El trabajo es resultado de una investigación en curso y, por tanto, se trata de una comunicación de notas etnográficas que presenta algunas categorías sobre las prácticas y las relaciones sociales de los trabajadores, basadas en observaciones y diarios de campo. Por ahora, fue posible comprender que la ocupación de los espacios de ocio para el trabajo articula relaciones de parentesco y amistad, parecerías con dirigentes y características de la ronda de fútbol.

Palabras clave: Trabajadores; Apropiaciones; Campos; Fútbol.

¹ Alunos do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (ESEF/UFRGS), membros do Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física (GESEF).

² Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (ESEF/UFRGS), coordenador do Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física (GESEF).

1 Introdução

Na esteira das críticas colocadas por Stigger (2002), este trabalho representa um esforço de compreensão de um *outro* futebol, não-profissional, organizado e praticado pela população, nos campos da cidade, como prática de lazer, conciliando as dinâmicas das famílias, comunidades, política pública, do trabalho, dos estudos e do próprio futebol. Ele é parte de um projeto de pesquisa em desenvolvimento, que tem como propósito o estudo do *futebol varzeano*, num circuito vinculado à Secretaria Municipal de Esportes, Recreação e Lazer (SME) e às Ligas de Futebol Amador de Porto Alegre (doravante denominado circuito SME-LIGAS). O que nos interessa é aprofundar o entendimento acerca do caráter urbano deste *outro* futebol, que está vinculado ao lazer da população, mas que conforma simultaneamente muitas questões do cotidiano das pessoas envolvidas.

Nesse empreendimento, um dos aspectos que tem chamado a atenção, no que se refere à noção de *futebol de várzea portoalegrense*, é que ele raramente pode ser vivenciado, experimentado na ausência dos *trabalhos e trabalhadores da várzea*. Depois de 1 ano e meio circulando pelos campos de futebol de várzea, de 110 partidas observadas, fica difícil descrever, lembrar, falar deste futebol sem mencionar o cheiro dos espetinhos, da fumaça de carvão, o barulho das caixas de isopor abrindo e fechando, das latinhas e garrafas de cerveja circulando de mãos-em-mãos, das fotografias registradas antes das partidas naquelas *poses* clássicas. Nos campos do circuito SME-LIGAS, um espaço reconhecido como ambiente de lazer, há uma legião de *trabalhadores* que ocupam os espaços do campo e, sobretudo, o entorno deste, para reforçar a renda familiar ou mesmo como principal fonte de renda. Fazem isso, não sem deixar de viver o futebol nas suas brincadeiras, jocosidades, xingamentos e tensões.

Dentre as muitas possibilidades de análise desse grupo pessoas que trabalham neste espaço-tempo de lazer, esta pesquisa dedicou-se trazer elementos para a compreensão das relações sociais implicadas na forma como os *trabalhadores da várzea* se apropriam dos espaços nos campos de futebol utilizados no circuito SME-LIGAS. Diferente dos trabalhos de Magnani (1984) e Guedes (1998) a respeito da rede de sociabilidade (masculina) e a apropriação dos espaços urbanos, este estudo procura trazer elementos que ajudem a entender como os trabalhadores se articulam com esta rede de sociabilidade em torno do futebol e as implicações disso para as apropriações dos espaços. Um rápido mapeamento dos trabalhos realizados sobre futebol de várzea ou futebol amador das cidades (NORI, 1998; SANTOS, 2001; GONÇALVES, 2002; HIRATA, 2005; BAULER, 2005; TOKUYOCHI, 2006; FONTES SILVA, 2009; PIMENTA, 2009) permite dizer que este grupo de pessoas raramente é o foco das análises.

2 Encaminhamentos metodológicos

A pesquisa reflete um olhar antropológico para as apropriações dos campos pelos *trabalhadores da várzea*, entendendo-as como referenciadas em esquemas de significação compartilhados e atualizados nas ações dos sujeitos (SAHLINS, 2003). Este olhar teve como forma de trabalho a etnografia, isto é, um modo de investigação que compreende um processo de imersão no circuito de futebol (GEERTZ, 2008; OLIVEIRA, 2006).

O estudo foi realizado em 18 campos de futebol utilizados no circuito, onde foram realizadas observações (não participante ou participante) de 110 jogos de futebol, no decorrer de 1 ano e 5 meses de pesquisa. As práticas e relações sociais dos *trabalhadores* foram registrados em Diários de Campo (DCs). As descrições constantes nos diários possibilitaram a elaboração do presente texto etnográfico, que levou em consideração a noção (metodológica) de Latour (2008) sobre o que denominou de *teoria ator-rede*, a respeito de rastrear as associações dos sujeitos, para entender suas ações, não como intermediário, mas como mediadores e suas traduções.

3 O circuito, os campos e os deslocamentos

O circuito SME-LIGAS compreende a realização de competições de futebol, a maioria em campos públicos da cidade, nas categorias livre e veterano. Este circuito tem como principal competição o Campeonato Municipal de Futebol de Campo, conhecido como *varzeano*, mas também engloba vários torneios e campeonatos realizados pelas ligas. O Campeonato Municipal ocorre no período de março à novembro, com duas fases: a fase das ligas e a fase municipal. Na primeira, as ligas organizam os confrontos, agregando equipes de um ou mais bairros (e até cidades) que disputam vagas para a segunda fase, além de troféus, medalhas, *fardamentos* (uniformes completos) e premiações em dinheiro. Na segunda, as equipes classificadas, sob a organização da Gerência de Futebol, órgão da SME, são distribuídas em duas divisões (A e B), dentro das categorias livre e veterano, de acordo com a classificação na liga e com a colocação no campeonato do ano anterior. Nesta fase, disputam os jogos em vista do título municipal, troféus, medalhas e *fardamentos*, além de um reconhecimento simbólico, pois o jogador que já jogou o municipal é reconhecido por isto nas ligas. No circuito, o sistema de disputa envolve normalmente uma etapa classificatória, geralmente em chaves, e etapas eliminatórias, conhecidos como *jogos mata-mata*, até serem conhecidos os vencedores/classificados. Os *camês* (tabelas) dos jogos são divulgados pelas ligas e pela Gerência de Futebol e as equipes passam a circular pela cidade a fim de *cumprir seus compromissos*. Neste ano de 2010, 302 equipes da primeira fase do Campeonato Municipal, o que sugere mais de 8 mil jogadores envolvidos, além dos técnicos, dirigentes.

Existem diferentes formas de circulação das equipes, de acordo com a liga a que estão vinculadas ou a etapa que estão participando. Algumas ligas realizam os jogos em um único campo, nos finais de semana. Porém, onde há campos iluminados são realizados jogos durante a semana, à noite. Nestas ligas que utilizam um campo são agregadas, geralmente, um grande número de equipes que não são do bairro em que se localiza o campo, envolvendo times de outras regiões da cidade ou até mesmo de cidades da região metropolitana. Outras ligas organizam as partidas em vários campos, distribuindo as *rodadas*³, nas etapas classificatórias, de acordo com os *mandos de jogos* (o time que fica responsável) e/ou *mandos de campo* (jogos *em casa* e jogos *fora de casa*). Uma das ligas, por exemplo, no seu campeonato que *vale vaga para o municipal*, utilizou-se de mais de 10 campos durante a fase classificatória, com jogos *fora de casa* e *em casa*. Na fase *mata-mata*, não é incomum estas ligas buscarem *campos neutros*⁴

³ *Rodada* é um termo utilizado para definir a(s) partida(s) que ocorrem em determinado dia/período.

⁴ Em algumas partidas, principalmente na fase *mata-mata*, os dirigentes das ligas procuram realizar os jogos em *campos neutros*. De modo sucinto, essa noção de *campo neutro* pode ser descrita como um campo que não está vinculado a nenhuma das equipes, que é utilizado em razão de um esforço para fazer valer mais/somente a dinâmica do futebol.

para realizarem os jogos de caráter eliminatório. Os times que participam deste tipo de ligas que usam muitos campos são, na maioria, do mesmo bairro ou de regiões mais próximas. Já a Gerência de Futebol da SME, na fase municipal, organiza os jogos da etapa classificatória em cerca de 15 campos da cidade, aqueles em melhores condições na zona norte, zona sul e zona central de Porto Alegre. Na medida em que a Competição avança para etapas eliminatórias, os jogos passam a ocorrer, predominantemente, na zona central.

Esta breve descrição do circuito SME-LIGAS, dentre muitos outros aspectos, valoriza a noção de que são muitos os campos utilizados nos jogos e que a participação das equipes implica em deslocamentos e vivências de espaços bastante distantes no que se refere ao aspecto geográfico ou mesmo a dimensão simbólica do espaço social. Para *cumprir os compromissos com os adversários* em campos distantes, os jogadores organizam caronas em veículos particulares, contratam veículos ou se deslocam com ônibus do transporte público urbano. Mas, não são somente os jogadores que circulam pelos campos. Os torcedores, sobretudo familiares e amigos, não se limitam a assistir aos jogos *em casa*. Na medida em que a competição se encaminha para fases mais decisivas, como os jogos finais das etapas classificatórias e, principalmente, os jogos de *mata-mata*, a mobilização de torcedores é significativamente ampliada. Ônibus são fretados para levar e trazer jogadores e torcedores. Se no início dos campeonatos, predominam os homens em campo e na lateral deste, conforme a competição avança pode-se observar um número crescente de mulheres, como também de crianças, jovens e idosos.

Ao envolver a prática do futebol e a assistência dos jogos pelos torcedores, os campos consubstanciam espaços de lazer da população, mas também são *espaços de trabalho*, pois oferecem oportunidades de rendimentos financeiros. Além dos dirigentes, árbitros, mesários e gandulas que trabalham nos jogos, é bastante comum a presença de vendedores (de bebidas, salgadinhos, espetinhos, doces, *baseados*, etc.), fotógrafos (que registram as imagens e vendem as fotografias e quadros), catadores (que recolhem latinhas e garrafas plásticas), jornalistas (que produzem suas matérias para jornais locais) e *freteiros* (que trazem e levam os jogadores/torcedores). É sobre como estes trabalhadores agem e se apropriam dos espaços que passamos a apresentar algumas descrições.

4 Colocando o ponto de trabalho no campo

Ao mesmo tempo em que chegam os membros das equipes nos campos, começam a aparecer os *trabalhadores da várzea*. Eles trazem garrafas e caixas térmicas (a maioria de isopor), pequenos *freezers*, churrasqueiras, mesas (dobráveis, de plástico), cadeiras e/ou bancos, caixas e cestos com produtos (cerveja, refrigerante, sucos, água, salgadinhos e doces, equipamentos de fotografia, etc. Estes equipamentos e produtos começam a ser transportados dos carros estacionados nas proximidades ou de residências que ficam nos arredores do campo e são alocados em posições estratégicas no entorno do campo. Os produtos são arrumados nas caixas térmicas/*freezers* e mesas, o fogo das churrasqueiras é iniciado. As conversas, o barulho das caixas e produtos, o cheiro da fumaça de carvão, o movimento no entorno do cafezinho (pela manhã) ou da cerveja começa a fazer parte do *estar na várzea*.

Em alguns campos, os *trabalhadores*, sobretudo vendedores, ocupam construções (ou partes destas) que ficam nas proximidades do campo e montam as

chamadas *copas*⁵. Estas construções normalmente têm uma estrutura que permite, além da venda, condições para o consumo de bebidas e alimentos, como mesas, cadeiras, balcões. Antes dos jogos, ao passo que os jogadores e dirigentes dos times começam a chegar, os *donos das copas* contabilizam os lucros a partir das anotações em cadernos e papéis improvisados, começam a arrumar o espaço, transportando produtos, colocando as bebidas (e os copos que serão utilizados) nos *freezers/refrigeradores*, executando limpezas, disponibilizando produtos em balcões. Estas *copas* também podem funcionar como almoxarifados. No seu interior, ficam súmulas, pranchetas, apitos, cartões, sacos de cal (para marcar o campo), pares de chuteiras, etc.

Além dos vendedores que vão ocupando “seus” espaços no entorno do campo e das *copas*, há também um terceiro tipo de estrutura de trabalho que toma “seu lugar” antes ainda do jogo iniciar: os veículos (Kombi/Vans) equipados com toldos, fogões à gás, chapas, refrigeradores/*freezers*, prateleiras e gavetas que estacionam nas proximidades. Nesses veículos são feitos e comercializados sanduíches, bebidas quentes (como café e quentão – no inverno), além da venda das bebidas e alimentos industrializados (salgadinhos e doces) de vários tipos. Nas proximidades destes veículos, não raro, são colocados bancos/cadeiras. Em um dos campos, uma Kombi fica há cerca de 3 metros do *alambrado*, de onde os fregueses podem beber, comer e assistir ao jogo numa posição privilegiada.

Nem todos os *trabalhadores da várzea* chegam antes do jogo iniciar, pois vários deles, especialmente aqueles menos vinculados ao futebol, aproveitam a oportunidade em vista do número de pessoas presentes no entorno dos campos, e aparecem durante as partidas. Nessa condição, por exemplo, transitam pelos espaços os vendedores de pastéis, amendoins e doces, com suas cestas ou recipientes de plástico (conhecidas como *tupperware*) ou os vendedores de sorvete com seus carrinhos. Ainda, quando o número de pessoas é grande, é comum observar os catadores de materiais recicláveis (latinhas, garrafas plásticas), que, de *tempos-em-tempos*, circulam entre as pessoas para recolher e armazenar tais produtos.

5 Um trabalho de famílias e parceiros do futebol

Um aspecto que chama a atenção a respeito desses *trabalhadores da várzea*, sobretudo os vendedores, é que na execução das tarefas estão envolvidos familiares e amigos do futebol. Em uma praça da cidade, por exemplo, vários membros de uma família – uma senhora mais velha, uma mulher e dois adolescentes – trabalham num *ponto de vendas* de bebidas, salgadinhos, doces e churrasquinho. Cada um dos membros da família colabora no transporte dos produtos e estrutura até a lateral do campo e os colocam num mesmo lugar. Depois disso, cada um sabendo a sua tarefa ou orientados pela senhora com mais idade que fica sentada atrás de um carrinho de sorvetes (que serve para acondicionar cervejas e refrigerantes), passa a organizar, disponibilizar os produtos e comercializá-los.

Nesta mesma praça, numa de suas entradas – lugar por onde grande parte das pessoas passa para ir até o campo – fica um casal que vende café com pastéis. Quando necessitam repor seus produtos, seguem até uma casa que fica em frente à praça. Ambos atendem os jogadores, dirigentes e torcedores chamando-os pelos nomes,

⁵ Estas *copas* são fundamentais na manutenção de muitos espaços e grupos de prática do futebol. Muitos jogos são efetivamente agendados para *fazer copa*, isto é, arrecadar dinheiro para manter ligas e/ou equipes.

como também anotam o consumo em um caderno, para as situações do *depois te pago*, *depois acerto tudo* ou *depois te dou o troco* – práticas bastante comuns na *vida financeira varzeana*. O funcionamento do *ponto de venda* envolvendo casais também foi observado em campos nos quais o presidente da liga é o *dono da copa*. Ao comercializar os produtos, o dirigente conta com o auxílio da esposa nos dias mais movimentados.

Além da esposa, em algumas rodadas, os dirigentes-*donos de copa* contam com auxílio de outros membros da liga (vice-presidentes, secretários) ou de outras pessoas vinculadas ao futebol. Numa das ligas acompanhadas, o presidente, que também é dirigente de uma equipe, *tem a copa* em parceria com o dirigente de outra equipe. Além de *fazerem a copa* juntos, jogam numa mesma equipe de veteranos. Quando ambos estão envolvidos com suas equipes (dirigindo ou jogando), quem assume as atividades da *copa* é o filho de um dos dirigentes. E, quando a *copa* se desloca para os *campos neutros*, tornando-se um *ponto de venda*, não raro, além dos familiares, observa-se a colaboração de jogadores das equipes dos dirigentes, que também auxiliam no transporte, na organização e comercialização dos produtos.

O deslocamento dos *pontos de venda* não está vinculado somente à gestão das ligas. Não são poucos os *vendedores* vinculados às equipes, que circulam pelos campos em vista das oportunidades de comercialização. Na fase municipal do Campeonato de 2009, por exemplo, os membros de uma equipe foram acompanhados por uma vendedora que organizou seu *ponto de venda* nos três campos em que jogou. Junto com os membros da equipe, nos mesmos veículos, chegava a vendedora com sua estrutura e produtos. Os próprios membros da equipe colaboravam na montagem do espaço, sob a orientação da vendedora. A partir da organização, as vendas eram realizadas majoritariamente para as pessoas vinculadas ao time, principalmente após o encerramento dos jogos e, especialmente, a cerveja. No entanto, em função da dinâmica de oferta e procura nos Parques ou do preço praticado, a vendedora também vendia para pessoas não vinculadas às equipes, até mesmo para os adversários, não sem reclamação dos *parceiros*.

6 Uma hierarquia de ocupação dos espaços

Outro elemento que parece estar envolvido na ocupação dos espaços no entorno dos campos é a relação dos *trabalhadores* com órgãos da Prefeitura Municipal ou com os dirigentes das ligas de futebol. Quanto ao primeiro tipo de relação, merece destaque a forma como os dirigentes de ligas que são *donos de copa/pontos de venda* se posicionam. Os melhores espaços para o comércio são ocupados por estes dirigentes, que trabalham onde há um maior fluxo/permanência de pessoas. Em contrapartida, são verdadeiros *parceiros* da Prefeitura na gestão dos campos e das competições. Em diversos campos pode-se observar os dirigentes das ligas realizando seus negócios em locais privilegiados, fazendo isso com a ajuda dos familiares e amigos/*parceiros*, intercalando com suas atividades relativas à organização do jogo.

Nem todos os dirigentes de ligas estão envolvidos com trabalhos no entorno dos campos. Quando os *trabalhadores* não são os dirigentes das ligas, a relação daqueles com estes também parece ser determinante na ocupação espacial. Vários dos *trabalhadores* (não-dirigentes) que ocupam posições privilegiadas de comércio são conhecidos e reconhecidos pelos dirigentes das competições e das equipes. Alguns deles, quando necessário, chegam a auxiliar os dirigentes em tarefas. Em função da relação com os dirigentes, recebem autorizações e informações e, assim, conseguem

planejar além da data e horário, também a organização das atividades. Um exemplo importante é a relação de um jornalista vinculado a um jornal impresso que, em vista de sua atividade e proximidade com os dirigentes das competições, tem acesso privilegiado para seus trabalhos nos campos. Este profissional tem acesso garantido aos melhores locais para registrar informações e imagens relativas aos jogos, pessoas e instituições envolvidas.

A respeito dessa relação dos *trabalhadores* com os dirigentes das competições, muitos outros exemplos poderiam ser apresentados, pois elas são significativas. Contudo, o relacionamento dos *trabalhadores* com os dirigentes das equipes/líderes comunitários (de torcidas) também mostrou-se relevante. É o caso de uma vendedora que acompanha a equipe e sua torcida e, em virtude disso, também ocupa espaços bastante promissores para seus negócios. Nesse caso, o vínculo com a torcida é um elemento que implica no posicionamento e no tipo de venda. Essa dinâmica ficou evidenciada numa controvérsia em que um dirigente vinculado à Prefeitura procurou impedir a vendedora que acompanha uma equipe de comercializar cerveja em garrafas de vidro (em vista da segurança) e, por isso, foi amplamente depreciado, xingado e, até mesmo, ameaçado pelos torcedores da equipe que “protegem” a vendedora/*ponto de venda* (DC, 31/10/2009).

Outra maneira de verificar a relevância desses vínculos, foi pela observação dos *trabalhadores* que estabelecem seus *pontos de venda* mais distantes do campo ou em locais nos quais a circulação/permanência de pessoas não é tão significativa. Pouco se observa o contato destes *trabalhadores* com os dirigentes ou com os líderes das equipes, para além dos contatos de vendas dos produtos. Ao que parece eles não têm maiores vínculos com as ligas e equipes e ocupam os espaços a partir do aumento de circulação/permanência de pessoas no entorno dos campos. Suas tomadas de posição não são fixas, mudam de um lugar para outro, de uma *rodada* da competição para a outra, quando não ficam transitando com suas cestas e *tuppewares* de amendois, pastéis ou circulando com suas bolsas para latinhas. Ainda, referente a estes *trabalhadores* sem vínculos com os sujeitos do futebol, há os *vendedores dos parques* (pipoca, cachorro quente, refrigerante, etc.), isto é, aqueles que independente das *rodadas*, se ocupam os espaços do parque em vista das negociações com o público que frequenta os Parques.

7 Um trabalho relacionado às rodadas de futebol

As práticas dos *trabalhadores* nos campos são desenvolvidas em relação às características e tempos da *rodada de futebol*. Nos jogos que ocorrem pela manhã (nos domingos, normalmente) percebe-se a comercialização do café com salgadinhos e mais próximo ao meio dia, até o final da rodada, ou à noite, predomina os vendedores outros tipos de bebidas, especialmente a cerveja. Depois dos jogos, o consumo de produtos pelos membros das equipes (junto com os torcedores) é mais intenso e é feito no sentido da reposição, mas também, e fundamentalmente, no embalo dos comentários a respeito da partida com os amigos, colegas e até mesmo com os adversários. Ao mesmo tempo em que degustam os produtos, eles *degustam o jogo*, chegando a permanecer horas depois de terem jogado.

Cada campo do circuito SME-LIGAS guarda características particulares. O fundamental, no momento, é deixar claro que os *trabalhadores* conhecem as práticas dos membros das equipes e dos torcedores, como também os *espaços-tempos futebolísticos*, organizando suas atividades em relação a eles. Sabem as melhores condições, em relação aos jogos da *rodada*, para vender café, cerveja, refrigerantes,

sanduíches, espetinhos, registrar fotografias, catar latinhas, etc. Dentre as condições, uma que se revela fundamental, é a dimensão do público presente. Este público pode variar segundo alguns aspectos, entre eles os mais significativos talvez sejam: a importância dos times envolvidos na *rodada*; a etapa da competição; e as condições climáticas para a realização do jogo.

Quanto ao primeiro aspecto, não passa despercebido dos *trabalhadores* que a boa qualidade das equipes que participam das *rodadas* e o reconhecimento destas no cenário da várzea, reflete sobre as atividades. Em *rodadas* com times *famosos da várzea*, há mais vendedores (não se limitam à aqueles vinculados aos dirigentes das ligas/equipes), há mais profissionais que tratam de registrar as informações (jornalistas, repórteres, cinegrafistas), surgem os catadores de latinhas. A organização das atividades também se altera, sendo necessário disponibilizar mais produtos, arranjar ajudantes (familiares/amigos) para colaborar a realização dos negócios.

A ocupação espacial pelos *trabalhadores* também muda de acordo com a fase da competição. A circulação e permanência de pessoas no entorno dos campos começa a aumentar nas *rodadas* finais da fase de classificação, quando, em geral, se define as equipes que disputarão a fase eliminatória. Nesta fase eliminatória, quanto mais se aproxima dos jogos finais da competição, aumenta ainda mais a circulação e permanência de pessoas no entorno dos campos. Além de membros da equipe, passam a acompanhar o time os familiares e amigos que se somam aos aficionados pelo futebol de várzea. Nestas fases, aumentam os *tipos de trabalhadores*, o *número* destes e se modifica a *organização* que cada um faz para atender as demandas. Nos jogos decisivos aparecem os fotógrafos contratados para registrar as imagens das equipes e, depois, vender os quadros, repórteres de rádios e jornais impressos se fazem presentes, políticos em campanha. As caixas térmicas dos vendedores estão mais cheias de produtos, principalmente de cerveja.

Também perpassam a ocupação espacial dos trabalhadores as condições climáticas em que são realizadas as *rodadas*. Como os jogos não são, necessariamente, cancelados em virtude da chuva e do frio, cabe aos trabalhadores considerarem a viabilidade de ocupação dos espaços. Vale a pena montar o *ponto de venda* à noite, com a temperatura próxima de zero grau? Que tipo de produtos ou serviços são viáveis nestas condições?

8 Considerações finais

Após as descrições feitas acima foi possível observar diferentes tipos de apropriações (e práticas) dos *trabalhadores* nos espaços de lazer, em vista da forma que se utilizam para trabalhar nos campos (*copas, pontos de venda, veículos* instrumentalizados, circulando com carrinhos e cestas, etc.; aqueles que ocupam espaços privilegiados e aqueles que ficam na periferia das venda e os que aparecem em vista da circulação/permanência de público, etc.). Contudo, mais do que dizer sobre as diferentes formas de apropriação, o avanço mais significativo deste trabalho foi compreender que estas formas (interpretadas como mediações, traduções dos atores-rede) articulam relações com a comunidade (espaço de moradia dos trabalhadores), de parentesco (trabalho com membros da família), de amizade (trabalho com amigos do futebol), com dirigentes (da Prefeitura, das Ligas de Futebol, das Equipes e das Torcidas), com os tempos e características das *rodadas do futebol* (como reconhecimento das equipes, fase/etapa da competição, condição climática em que se realiza a partida).

9 Referências

- BAULER, S. R. G. **O futebol faz rolar mais do que uma bola**: um estudo sobre o significado do futebol numa periferia urbana. 2005. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, UFRGS, Porto Alegre, 2005.
- FONTES SILVA, J. L. **Os significados do futebol amador recifense a partir de sua interdependência com o futebol profissional**. 2009. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Sociologia, UFP, Recife, 2009.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GONÇALVES, A. **Futebol amador**: campo emergente de sociabilidade. 2002. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Sociologia, UFC, Fortaleza, 2002.
- GUEDES, S. L. **O Brasil no campo de futebol**: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro. Niterói: EDUFF, 1998.
- HIRATA, D. V. **Futebol de várzea**: práticas urbanas e disputa pelo espaço na cidade de São Paulo. 2005. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Sociologia, USP, São Paulo, 2005.
- LATOUR, B. **Reensamblar lo social**: uma introducción a la teoria del actor-red. Buenos Aires: Manantial, 2008.
- MAGNANI, J. G. C. **Festa no pedaço**: cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- NORI, C. **Esporte como manifestação de cultura e cidadania**: futebol de praia em Santos. 1998, Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação Física, FEF-UNICAMP, Campinas, 1998.
- OLIVEIRA, R. C. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever. In: OLIVEIRA, R. C. **O trabalho do antropólogo**. 3. ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Unesp, 2006.
- PIMENTA, R. D. **Desvendando o jogo**: o futebol amador e a pelada na cidade e no sertão. 2009. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Sociologia, UFP, Recife, 2009.
- SAHLINS, M. **Cultura e razão prática**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- SANTOS, M. A. da S. **Futebol de várzea como espaço de sociabilidade**. 2001. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, PUCSP, São Paulo, 2001.
- STIGGER, M. P. **Esporte, lazer e estilos de vida**: um estudo etnográfico. Campinas: Autores Associados, 2002.

STIGGER, M. P. Futebol de veteranos: um estudo etnográfico sobre o esporte no cotidiano urbano. **Revista Movimento**, a. 4, n. 7, p. 52-66, 1997.

TOKUYOCHI, J. H. **Futebol de rua**: uma rede de sociabilidade. 2006. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação Física, EEFE-USP, São Paulo, 2006.

Endereço:

Rua Guilherme Alves, 845, ap. 404, Petrópolis, Porto Alegre, CEP 90680-001

E-mail correspondência: mmyskiw@hotmail.com